

APRESENTAÇÃO

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v13n2p1>

É com muito entusiasmo que apresentamos esta décima terceira edição de *Mulemba* que se tem consolidado junto à comunidade acadêmico-científica como um espaço para debates e reflexões sobre as culturas originárias da África e as literaturas africanas em língua portuguesa. Este número, especialmente, traz um conjunto de ensaios que abordam diálogos fecundos entre a literatura brasileira e as literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa. Os editores têm satisfação em compartilhar, com leitores e estudiosos, ensaios que refletem acerca das diferenças e semelhanças entre estas literaturas, e que discutem aspectos estruturais das obras literárias analisadas, como, por exemplo, os processos narracionais, a intertextualidade, entre outros procedimentos estéticos.

Este número da revista, para a fruição de nossos leitores, conta com três seções: a primeira faz uma homenagem à memória do poeta Corsino Fortes com a publicação da resenha crítica da escritora cabo-verdiana Vera Duarte sobre *Sinos de silêncio*, último livro de poemas do referido poeta; a segunda traz composições de dois poetas angolanos: Filú Malva e Alberto Secama; a terceira é constituída por doze ensaios, dos quais dez versam sobre a intertextualidade entre as literaturas brasileira e africanas e dois (o primeiro e o sexto artigos) apresentam temática livre.

O ensaio que abre a segunda seção, “Um *pub* repleto de espelhos: a representação de Londres, Moçâmedes (Namibe) e outras cidades em obras de Ruy Duarte de Carvalho”, é de Andrea Cristina Muraro. O artigo, de temática livre, analisa as representações literárias das cidades em obras do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, mais detidamente em *Os papéis do inglês* (2007) e *A terceira metade* (2009). O objetivo é aproximar os dados da experiência do autor, suas inferências relacionadas às dinâmicas históricas na África Austral e o papel das cidades na construção de alguns de seus romances.

O segundo artigo, intitulado “O corpo poético na obra de Ana Paula Tavares e de Ana Cristina César, de Carolina de Azevedo Turboli”, aborda, intertextualmente, a poética de duas vozes femininas, uma angolana, outra brasileira, sob o prisma do corpo poético e sua contraface, o corpo feminino. São estudados atos e figuras de linguagem que transformam o poema em corpo, bem como questões transversais à voz feminina na poesia e seus contextos sócio-históricos.

Dando prosseguimento, em “Correspondências identitárias em *Cais-do-Sodré*, de Orlanda Amarílis, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo”, Celina de Oliveira Barbosa Gomes e Silvana Rodrigues Quintilhano confrontam, por meio do que chamaram de paralelização intertextual, as personagens das obras *Cais-do-Sodré*, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, e *Ponciá Vicêncio*, da escritora brasileira Conceição Evaristo.

Em “*Graceland e Cidade de Deus: subvertendo a colonialidade nas favelas de Lagos e Rio de Janeiro*”, Divanize estabelece uma comparação entre os romances *GraceLand* (2004), do nigeriano Chris Abani, e *Cidade de Deus* (1997), do brasileiro Paulo Lins. O objetivo é demonstrar que essas narrativas centradas em jovens negros e pobres interrogam, intertextualmente, a colonialidade, em que espaços afrodiáspóricos como Nigéria e Brasil ainda estão inseridos.

Em “Entre campo e cidade em contos de Bernardo Élis e Mia Couto”, Edvaldo A. Bergamo e Marcos Vinicius Caetano da Silva analisam a dialética entre campo e cidade, enquanto modos como grupos humanos se organizam, e também como índices de tensão social para a história e para as literaturas escritas no Brasil e em Moçambique. Para tanto, os contos “A enxada”, do brasileiro Bernardo Élis, e “A avó, a cidade e o semáforo”, do moçambicano Mia Couto, são intertextualmente estudados.

O artigo de Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves é de temática livre; neste, intitulado “Modalizações elegíacas na cena poética moçambicana”, após discorrer sobre o conceito de elegia, sublinha as diversas modalizações elegíacas encenadas na poesia moçambicana, especialmente aquelas circunscritas posteriormente à década de 50 do século XX, investigando as

diversas facetas da perda encetadas por poetas como José Craveirinha e Glória de Sant'Anna.

A seguir, em “Um sertão nas margens do texto: uma reflexão sobre aspectos identitários e textuais na obra *Desmedida*, de Ruy Duarte de Carvalho”, Idemburgo Pereira Frazão Félix reflete sobre a presença de diálogos intertextuais com obras de autores brasileiros. O artigo analisa o romance *Desmedida*, em que Ruy Duarte de Carvalho utiliza obras da literatura brasileira como parte integrante da sua, apropriando-se efetivamente, fazendo-as dialogarem intertextualmente, sob o fio de espaços brasileiros e angolanos.

No ensaio “Um azul imenso – me ajuda a olhar?”, Laís Naufel Fayer Vaz estabelece diálogos intertextuais entre as poéticas de Glória de Sant'Anna, poetisa de Moçambique, e Cecília Meireles, poetisa brasileira, tendo o mar como um dos símbolos de intersecção entre elas, de modo a evidenciar a proximidade entre muitas das composições literárias das autoras estudadas.

Em “Do corpo da cidade ao corpo do poema: diálogos entre Manuel Bandeira e Duarte Galvão”, Marlon Augusto Barbosa efetua uma leitura crítica e intertextual entre os poemas “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, datado de 1925, e o “Poema à cidade”, de Duarte Galvão, heterônimo guerrilheiro do poeta moçambicano Virgílio de Lemos, datado de 1954, a partir da observação dos processos de escrita que evocam as cidades e outros e procedimentos de linguagem presentes nos dois poemas.

No texto, “‘Mulheres à deriva’: relações de gênero nos contos ‘O pai’, de Helena Parente Cunha, e ‘A casa dos mastros’, de Orlanda Amarílis”, Maximiliano Torres reflete intertextualmente, pelo viés da teoria crítica feminista, acerca das relações de gênero, a partir da leitura dos contos: “O pai”, da brasileira Helena Parente Cunha, e “A casa dos mastros”, da cabo-verdiana Orlanda Amarílis, nos quais se evidenciam dramas cotidianos, como a violência, a discriminação e as desigualdades sofridas pelas protagonistas.

Em “O sangue, o feminino e as tradições que circundam os versos: metáforas do sangue em Paula Tavares e Hilda Hilst”, Pamela Maria do Rosário Mota demonstra, intertextualmente, que a poesia da escritora angolana Paula Tavares e a da brasileira Hilda Hilst apresentam uma diversidade de desordens. Nessa circularidade de desalinhos, o símbolo

sanguíneo efetiva-se como elemento de reconfiguração e rompe com paradigmas formais. Nesse viés, elege pontos de semelhanças e divergências, cujo sangue e suas metáforas refletem os anseios dos sujeitos femininos.

Para fechar esta décima terceira edição da revista *Mulemba*, Rejane Vecchia, em “*Parábola do cágado velho: uma perspectiva crítica através da história*”, realiza uma leitura do romance *Parábola do Cágado Velho*, do escritor angolano Pepetela, atentando, intertextualmente, para determinadas conjunturas históricas estruturantes da obra, bem como para a ideologia que se insurge contra o sistema político e econômico que envolvia Angola, aproximando-se, assim, das dimensões políticas e ideológicas da literatura realizada no Brasil nos anos 1930.

Com votos de uma produtiva leitura,

a Comissão Editorial